

É possível ir até a cidade do Rei do Mundo e dela retornar. Também é possível encontrar, na Terra, alguns mensageiros que vêm de lá. Enfim, é possível receber uma informação proveniente da cidade.

Chegados a este ponto, devemos todavia responder a algumas objeções.

A primeira é simplesmente:

“Como pode acreditar numa loucura dessas? Ela é totalmente contrária ao senso comum”.

A forma redonda da Terra também era contrária ao senso comum. Os habitantes dos antípodas deviam andar constantemente de cabeça para baixo e deveriam estar mortos, há muito tempo, por congestão cerebral. A existência de habitantes nos antípodas explica-se, de fato, pela teoria da gravitação central de Newton, que é muito posterior à idéia de uma Terra redonda. Antes dessa teoria, a teoria da Terra redonda era uma loucura, contrária ao senso comum. O mesmo acontece com a relatividade geral, cujas conseqüências por enquanto desafiam por completo o senso comum e que, por esta razão, é combatida com violência mesmo nesta época. De maneira que não basta tachar uma idéia de louca para se ter que rejeitá-la automaticamente. Tentemos, então, fazer algumas objeções.

A mesma coisa deveria existir para os outros planetas, e poderia ser constatada. A essa objeção podemos responder que a observação dos outros planetas, por enquanto, deu apenas resultados muito vagos, o mesmo ocorrendo, aliás, com relação à observação da nossa Terra por satélites artificiais, desde que se suba a uma determinada altitude (zona compreendida entre 300 e 1.000 quilômetros). Também podemos observar que a nossa Terra é muito peculiar, pois é o único pla-

neta onde é encontrada vida. A Lua é totalmente morta, Marte e Vênus também.

Os planetas gigantes não parecem conter vida, pelo menos no sentido que damos a esta palavra. Se dermos uma importância cósmica à vida, é bastante natural que o planeta que a tenha seja totalmente diferente dos outros planetas. E caso esta diferença se traduza por uma estrutura dimensional múltipla, por que não?

A segunda objeção é que isto seria sabido. Primeiramente, podemos responder que, na verdade, isso se sabe, porém ao nível de sigilo das sociedades esotéricas. Também podemos responder que existem inúmeros casos de viajantes vindos de países que não foram localizados, que falavam uma língua desconhecida e possuíam mapas de um mundo que não era o nosso.

Charles Fort cita numerosos casos no seu trabalho *New Lands (Terras Novas)*. Talvez o caso mais freqüente deste tipo seja o reino do padre Jean, reino cristão cujos mensageiros foram até o Papa e o Imperador e que nunca puderam ser encontrados.

Mas este não é o único caso; o fenômeno aparece desde Roma até nossos dias, em cerca de uns mil casos.

Para dar um exemplo, serei obrigado, e desculpe-me por isto, a me citar. É um caso sobre o qual já falei em *Les Extra-Terrestres dans l'Histoire* (“J’ai lu”).

“... o episódio que aconteceu em abril de 1817 em Admondsbury (Grã-Bretanha). Naquele dia, uma jovem mulher vestindo um sari, e que não falava nenhuma língua conhecida, bateu à porta de diversas casas. Aparentemente não sabia escrever e, indicando a sua pessoa com o dedo, dizia: ‘Caraboo’. Mais tarde conseguiu-se fazê-la escrever um alfabeto e mostrar os